

Bahia



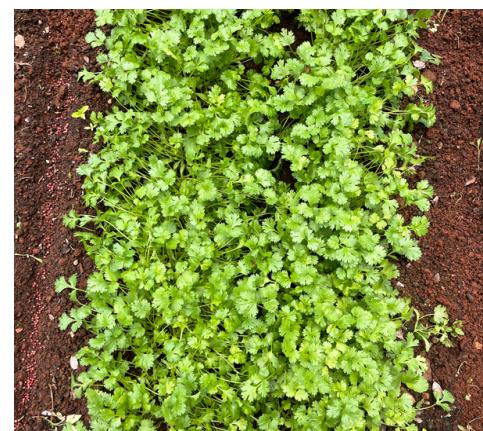
A riqueza de compartilhar com todos o que se tem

A história de Valdete Braga, de 64 anos, é a de uma mulher que sempre lutou para garantir o melhor para ela e para a sua família. Moradora da comunidade de Caititu, em Sento-Sé, ela tem, como vizinhos, seus irmãos, sobrinhos e amigos que se tornaram, pela convivência, novos familiares. Em sua casa, mora o marido, Dorgival Braga, e um dos seus seis filhos, Danilo, enquanto os demais vivem fora. A nenhuma dessas pessoas Valdete deixa faltar nada que esteja a seu alcance, desde os alimentos, frutos de sua lavoura, até a água que apara da chuva em sua cisterna de placas.

“Uma cisterna é uma riqueza. Quem não gosta de uma cisterna não tem noção das coisas não. São alguns tantos mil litros de água pura, água da chuva, que cai bem limpinha e você pode consumir. Muita gente vem pegar água da minha. E eu dou, porque a gente tem que compartilhar com as pessoas o que a gente tem”, afirma.

A cisterna a que a agricultora se refere foi instalada na propriedade no começo dos anos 2000, no âmbito das políticas de convivência com o Semiárido lançadas pela Articulação do Semiárido (ASA). A chegada do reservatório representou mais um avanço no acesso da família à água. Quando mais nova, Valdete precisava buscar água em cacimba ou açude. Depois, a vida melhorou um pouco com a instalação de chafarizes na comunidade e na sua casa, até que a implantação da cisterna de placas e a perfuração de um poço artesiano tornaram a rotina mais tranquila. Em 2024, ela ainda recebeu uma cisterna do tipo calçadão, graças ao Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2).

Com um maior número de opções para obter e armazenar a água, a produção em suas terras se diversificou. “Aqui, na minha propriedade, eu tenho macaxeira, manga, laranja, cana, banana, coco, goiaba, pinha. E é tudo para consumo. Porque eu tenho meus filhos e não vou deixar eles comprarem, né? Daqui eles levam banana, goiaba, limão, laranja, hortaliças, feijão. Minha irmã vem e leva coentro, alface, couve... Para as filhas dela também eu não vendo, porque é a mesma coisa de serem minhas filhas”, conta.



Sistemas produtivos da família



Plantação de Laranja e Limão

O excedente das frutas e hortaliças vai para as feiras de Sento-Sé. Lá, a agricultora também vende artigos nascidos de outras atividades, como as polpas de frutas produzidas na Associação do Brejo da Brásida, por meio do projeto Caatinga Cheirosa, e as peças de artesanato que ela mesma cria. A renda obtida com a comercialização desses produtos complementa as finanças de Valdete que, graças à lavoura, não precisa gastar tanto com alimentação, uma vez que a própria horta garante a saciedade da família. “É muito gratificante você ir ali na sua horta colher, que nem eu colhi agora, um alface, uma beterraba, uma cenoura, para fazer uma salada. Se chega alguém, você vai lá, tira um coentro, e rapidinho tempera uma panela. Não tem negócio de ‘vou comprar ainda em Sento-Sé’”, celebra.

Além da cisterna que permite ter mais água para irrigar as plantas e matar a sede dos animais, a família de dona Valdete foi contemplada também com um recurso para incrementar a sua propriedade e aumentar a produção de alimentos. Esse recurso vem de uma política pública do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), chamada Fomento Rural.

Dona Valdete escolheu usar os R\$ 4,6 mil para instalar um galinheiro. Em seu terreno, ela já criava aves, além de outros animais, como cabras e ovelhas, mas as galinhas estavam ameaçando a sobrevivência de sua horta. Então, com o recurso do fomento a agricultora conseguiu ampliar o espaço para as plantações e reservar um espaço seguro para sua criação, que também estava sendo alvo de predadores. “Os canhões não furam mais os ovos. A Mel [cachorra da família] também gostava de um ovo e saía procurando, aí chegava no ninho de galinha e comia todos os ovos. E aí a gente perdia”, relembra.

Para Valdete, a possibilidade de acessar esse investimento não trouxe benefícios apenas para ela, mas para outras famílias da região. “Foi ótimo. Não é só sobre consumir não, tem que investir. Porque não é um dinheiro da gente, é um dinheiro que vem para você investir na sua propriedade. E agora que já tem meu galinheiro, minha horta e minhas cisternas, minha propriedade está valorizada”, declara.

A agricultora planeja, ainda, ampliar sua criação com gado e uma vaca de leite, além de construir uma varanda em sua residência. Para seus filhos, cuja maioria mora em outros locais, como Juazeiro e Sento Sé, Valdete sonha com uma vida tranquila e de acordo com as carreiras que eles trilharam para si, mesmo que elas não passem por um retorno definitivo para a propriedade na Zona Rural. Até porque, mais do que os frutos e vegetais colhidos em seu quintal, o principal alimento cultivado em sua casa é o amor.



Valdete ao lado da cisterna calçadão